

1 Introdução

Assim que cheguei ao endereço da escola em que iria lecionar, após aprovação no concurso público de 2004, para professor de Língua Portuguesa, não acreditei naquilo que meus olhos, admirados, contemplavam: muros altos, um portão de ferro e, para atender a quem ali chegasse, guardas fortemente armados e nada gentis. Estava diante de meu novo local de trabalho: uma escola situada em uma instituição prisional.

Medo, curiosidade, insegurança, esses e diversos outros sentimentos se apoderaram de mim em questão de segundos, quando pensei nos desafios que enfrentaria a partir de então. Apesar de mais de dez anos de experiência como docente da rede privada e pública, apesar da formação inicial em uma universidade pública e conceituada, apesar da atualização constante em cursos e programas de pós-graduação, tudo parecia insuficiente diante do trabalho que deveria realizar.

As rotinas me causaram estranhamento: almoço junto aos guardas; revista pessoal e em meus pertences; a travessia de todo o presídio e a entrada em uma escola com uma porta de ferro como se fosse uma grande cela e onde éramos trancados com nossos alunos até o término das aulas; orientações sobre como se comportar e vestir-se, em nome da segurança de todos. Experimentar, constantemente, um sentimento de inutilidade ao ouvir pessoas se referindo aos alunos como vagabundos e bandidos; transitar em meio a corredores, muitas vezes, alagados e onde circulam alguns ratos e baratas, principalmente em dias de muito calor, o contato com pessoas com doenças infecto-contagiosas e com alguns que estão afastados do convívio social há mais de vinte anos.

Questionei-me, então, quanto à importância da participação do professor, do educador, e da minha participação no projeto de ressocialização dos detentos e da garantia aos direitos mínimos do cidadão encarcerado.

Com o início das atividades na escola pude perceber um clima de união e uma certa satisfação no grupo de professores em lecionar naquela instituição, o que me deixou mais tranqüila, porém não menos surpresa, pois esperava encontrar pessoas temerosas como eu.

Resolvi, então, penetrar naquele universo, mas com um olhar diferenciado, o olhar do pesquisador, que me fizesse compreender criticamente, com um maior distanciamento, o trabalho docente em uma unidade prisional, descrevendo-o, analisando-o e procurando entender seus modos de realização. Sabendo que pesquisar é antes de tudo descobrir algo novo, trilhar caminhos diferenciados para responder a nossas inquietudes e para apontar horizontes distintos daqueles a que nos acostumamos a ver e a sentir.

A pesquisa desenvolvida busca analisar o trabalho docente realizado em uma escola situada em instituição prisional. Pretende-se trazer à tona questões que dizem respeito ao exercício da profissão “professor” em um espaço diferenciado (instituição prisional), desvelando parte de seu cotidiano e das condições de trabalho às quais está sujeito.

Considera-se que o espaço de realização do trabalho apresenta especificidades tanto em relação às condições, quanto ao “objeto” de trabalho. Acreditamos que a presença de um “objeto humano” modifica profundamente a própria natureza do trabalho e a atividade do trabalhador, principalmente, quando esse outro (aluno/detento) se encontra em posição de fragilidade, humanamente falando, em relação ao trabalhador.

Para desenvolver as questões propostas, na esperança de construir um painel que dê visibilidade e (re)conhecimento a atividade docente em uma escola prisional, apresento a dissertação em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *os cenários da pesquisa*, com três subdivisões, faz-nos conhecer os espaços em que a pesquisa se realiza e os objetivos da educação no cárcere: a) o cenário da prisão: um breve percurso histórico do surgimento da prisão e das penas privativas de liberdade; b) o cenário da escola na prisão: através de uma densa descrição apresento a escola onde a pesquisa se realiza, a Escola Estadual Henrique de Souza Filho – Henfil, situada à Unidade Prisional Vicente Piragibe, no Complexo penitenciário de Bangu, Rio de Janeiro e informo as questões legais responsáveis pela educação no cárcere; c) educação carcerária: são apresentados os objetivos e a importância da educação no cárcere, assim como alguns aspectos referentes à modalidade de educação de jovens e adultos, a qual contempla a educação dos sujeitos privados de liberdade.

O segundo capítulo, *referenciais teórico-metodológicos*, com duas subdivisões, apresenta-nos os companheiros de caminhada que embasam a pesquisa e a metodologia escolhida para o estudo. As subseções nos apresentam a) os companheiros de caminhada, em que alguns autores e conceitos são trazidos a fim de corroborar com as discussões estabelecidas sobre o tema; b) a metodologia: a escolha da ergonomia e ergologia como metodologia possibilitando um melhor entendimento da atividade docente e análise das situações de trabalho *in locu*;

No terceiro capítulo, *a docência na prisão*, pretende-se revelar quem são os sujeitos em uma escola prisional: professores e sujeitos privados de liberdade, e os aspectos relevantes do exercício da docência na prisão. Em três subdivisões, tentar-se-á compreender melhor a clientela que move a atividade docente e os aspectos da docência que emergem na análise dos dados. Na primeira divisão, apresentaremos a) o perfil do grupo de professores participantes da pesquisa. Baseamo-nos em observações e entrevista construída sobre três eixos: itinerário profissional e formação; exercício da docência em escola prisional e extramuro e aspectos ligados à atividade cotidiana e situações de trabalho na escola prisional; b) o perfil dos sujeitos privados de liberdade e as questões de poder que envolvem e estão presentes nas instituições totais, como prisão e escola, c) aspectos da formação docente e carreira profissional, a partir das experiências vivenciadas pelo profissional de ensino, na escola prisional.

No quarto capítulo, *trabalho docente*, destacamos as categorias que emergiram da análise de dados e que compõem a atividade docente.; a) a afetividade, como marca inerente da profissão; b) as condições de trabalho, como determinantes nas ações a serem desenvolvidas pelo professor, c) os saberes da docência, com ênfase aos saberes da experiência d) as interações realizadas entre professores e alunos no espaço escolar.

Por último, algumas considerações sobre os resultados da pesquisa, mas que não se pretende ser considerações finais, pois muito ainda há de se conhecer sobre a atividade docente, principalmente, quando realizada no espaço do cárcere.